

HISTÓRIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS BOLSISTAS

Thalyta Vasconcelos do Nascimento | thalyta_vasconcelos@hotmail.com

Tássia Fernandes Ferreira | tassiaffer@gmail.com

Francisco Ari Andrade | andrade.ari@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Serão discutidos neste artigo, primeiramente, alguns aspectos fundamentais do Programa de Educação Tutorial, tendo em vista sua criação, sua trajetória histórica no país e no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, curso e instituição escolhidos como campo de pesquisa para atribuímos maior significado das leituras à prática do programa, no que se refere a seus ideais, sua proposta de complementação à formação acadêmica, entre outros temas. Serão apresentados, ainda, alguns dados que mostram o alcance do citado projeto nos diversos cursos de graduação espalhados pelo país. A temática formação continuada também será bastante enfatizada no texto que segue, visto que é contemplada pela modalidade de pós-graduação *stricto sensu*.

O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET): SEU HISTÓRICO E SUA PROPOSTA

A sigla PET, inicialmente, tinha como significado “Programa Especial de Treinamento”, o qual foi criado no ano de 1979 pelo então presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Prof. Dr. Mauro Filho. O objetivo inicial do programa era selecionar alunos dos cursos da graduação, os quais tivessem bom desempenho acadêmico e disponibilidade de tempo para se dedicar à ciência e ao conhecimento nos seus estudos, com o ideal tão somente de que esses alunos pudessem ingressar direto da graduação para a pós graduação *stricto sensu* (a qual se refere ao mestrado e doutorado).

No entanto, com as mudanças conjecturais e culturais vivenciadas pelo Brasil no final da década de 1970 e tendo em vista acompanhar tais mudanças, o programa ganhou alguns outros objetivos. Em 1979, o Brasil passava por um período de “transição” entre o regime ditatorial e a redemocratização. Nesse contexto, encontrava-se na presidência da república o militar João Baptista Figueiredo, quando ocorreu o surgimento de várias

universidades de forma desordenada e sem um padrão de qualidade satisfatório. Portanto, com a redemocratização do país, tornava-se essencial buscar a implementação desse padrão de qualidade no ensino superior, a fim de promover o avanço da educação e banir o retrocesso causado pela ditadura.

Além disso, partindo de perspectivas do mundo atual, caracterizado pela dinamicidade do trabalho, o PET passou também a ter como foco o mundo do trabalho. Nessa perspectiva, segundo informações contidas no Manual de Orientações Básicas do PET (BRASIL, 2006), o programa se constituiu em uma modalidade de investimento acadêmico nos cursos de graduação com sérios compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais. Para isso, o projeto do programa se baseou em um modelo de ensino tutorado presente no Reino Unido, na Universidade de Oxford, que foi iniciado na Idade Média e que perdura até o presente momento. Tal modelo também é vigente em Tóquio e nos Estados Unidos.

Em qualquer um desses lugares,

O método tutorial permite o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico entre os bolsistas, em contraste com o ensino centrado principalmente na memorização passiva de fatos e informações, e oportuniza aos estudantes se tornarem cada vez mais independentes em relação à administração de suas necessidades de aprendizagem (Programa de Educação Tutorial-PET-Manual de Orientações Básicas, 2006, p. 06).

Desse modo, os alunos dos cursos de graduação que participam do PET compartilham um aprendizado onde é possível estudar, com uma maior especificidade, alguma área de interesse por meio de um sistema tutorado.

Quanto à administração do PET, a mesma era, inicialmente, exercida pela CAPES, sendo cedida para a Secretaria de Educação Superior - SESu/MEC no ano 2000. Com essa mudança, em 2003 a sigla PET passou, então, a significar Programa de Educação Tutorial. Com efeito, o referido programa, com essa nova denominação, foi instituído oficialmente em 2005, através da Lei 11.180/2005. Nesta, destaca-se o Art. 12, por meio do qual:

Fica instituído, no âmbito do Ministério da Educação, o Programa de Educação Tutorial - PET, destinado a fomentar grupos de aprendizagem tutorial mediante a concessão de bolsas de iniciação científica a estudantes de graduação e bolsas de tutoria a professores tutores de grupos do PET.

Ainda no âmbito da legislação, vale ressaltar também que o Programa foi regulamentado por meio das Portarias n.º 3.385/2005, n.º 1.632/2006 e n.º 1.046/2007. Tal regulamentação aborda assuntos como: padrões de qualidade da formação acadêmica, a criticidade nos alunos, contribuição para a graduação, dentre outros aspectos, além de orientar como o programa deve funcionar.

De acordo com o site do Ministério da Educação¹¹⁰, o PET é formado por 779 grupos espalhados entre 114 Instituições de Ensino Superior que atingem diferentes áreas do conhecimento e as diversas regiões do país em um total de 4.274 alunos bolsistas e 400 tutores, sendo um tutor para cada grupo. Em sua forma de funcionamento, é um projeto que contempla alunos da graduação de diversos cursos espalhados no Brasil, sendo cada grupo composto por doze bolsistas e um professor tutor, responsável pela orientação destes. Os alunos participantes são denominados petianos e recebem uma bolsa mensal, com a responsabilidade de cumprir a carga horária de 20 horas semanais.

A universidade fornece também, por meio do referido sistema, durante a graduação, uma experiência incomum e bastante eficiente no processo de ensino-aprendizagem. No decorrer dessa experiência, os alunos se reúnem com seu tutor, frequentemente, em determinados períodos e em variadas atividades, tais como grupos de estudos, grupos de discussões, reuniões burocráticas, entre outras. De um modo geral, o sistema tutorado visa promover a autonomia, bem como a independência do aluno, estimulando o mesmo a pensar de maneira lógica.

Vale ressaltar que somente quase dez anos após a sua criação, em 1988, é que o PET, na época como Programa Especial de Treinamento, foi inserido na Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Ceará. Este teve como seu primeiro tutor o professor Doutor José Anchieta Esmeraldo Barreto, o qual seguiu a filosofia do Programa de Educação Tutorial, visando integrar, de maneira consolidada, as bases da Academia que são o tripé “ensino, pesquisa e extensão”. Desde essa data até o presente momento, o PET da Faced esteve vinculado essencialmente ao curso de Pedagogia, formando várias turmas.

O PET E A FORMAÇÃO CONTINUADA DO BOLSISTA

No contexto atual, tanto para a inserção no mercado de trabalho como para o aprofundamento em determinadas áreas de estudo, faz-se necessária, cada vez mais, a formação continuada. No setor educacional, tal necessidade é ainda maior, visto que o

110 (<http://portal.mec.gov.br>)

professor deve estar em constante busca de novos saberes e novas formas de melhor atender a demanda intelectual de seus alunos em sua prática docente. Como estamos falando especialmente do PET do curso de Pedagogia da Faced/UFC, cuja preocupação é, entre outras, formar também professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, não podemos deixar de discutir a formação continuada voltada para esse profissional. Certamente, o PET, como um programa que visa preparar os graduandos para sua inserção na pós-graduação *stricto sensu*, em muito se relaciona à formação continuada em nível de pós-graduação.

Antes de falar mais sobre a relação entre o PET e a formação continuada, faz-se relevante, a título de informação, saber que os estudos sobre a formação continuada na América Latina surgem, basicamente, junto com o PET. Imbernón (2010) nos conta que,

Na maioria dos países latinos, a análise da formação de professores como campo de conhecimento não começa a se desenvolver até por volta da década de 1970, quando se realizou toda uma série de estudos para determinar as atitudes dos professores em relação aos programas de formação continuada (IMBERNÓN, 2010, p. 16).

Ainda segundo esse autor, em todos os países e textos oficiais, bem como em todos os discursos dos países latinos, em especial no Brasil do início da década de 80, a formação continuada ou capacitação começa a ser assumida como fundamental, a fim de se alcançar o sucesso nas reformas educacionais.

Não por coincidência, no final da década de 70, mais precisamente no ano de 1979, foi criado no Brasil, como já citado anteriormente, um modelo de educação tutorada, cujo objetivo, em geral, era formar e preparar alunos graduandos para a formação continuada, no caso, para ingressarem na pós-graduação *stricto sensu* e, conseqüentemente, tornarem-se professores universitários. Partindo destas afirmações, entendemos que o Programa de Educação Tutorial pode ter funcionado como um “motor” mobilizador para a formação continuada de seus bolsistas, os petianos.

Tal afirmativa se justifica porque, no processo de ensino-aprendizagem, os conceitos adquiridos nas discussões que são fomentadas em grupo, em geral como são as atividades do PET, são mais enriquecedores do que aqueles gerados individualmente. O trabalho coletivo, proporcionado, por exemplo, pela perspectiva de grupos de estudos, uma das atividades que integra o cotidiano do bolsista PET, é permeado por características bastante positivas, tais

como a exposição de ideias, a concordância e discordância das mesmas, a argumentação e contra-argumentação, a divisão de tarefas, dentre outras. Portanto, defende-se que tais atividades podem ser de grande relevância no incentivo aos petianos para darem continuidade à sua formação, visto que, para Imbernón (2010) a formação continuada também tende a possibilitar:

O desenvolvimento coletivo de processos autônomos no trabalho docente, o compartilhamento de processos metodológicos e de gestão, a aceitação da indeterminação técnica, uma maior importância ao desenvolvimento pessoal, a potencialização da autoestima coletiva e a criação e o desenvolvimento de novas estruturas (IMBERNÓN, 2010, p. 69).

Com base nessa discussão, continuamos em concordância com as ideias do referido autor e trazemos as observações de Mello (2002) para ampliar esse diálogo, segundo o qual:

A formação continuada deve prosseguir, quer através de eventos de curta duração, quer em cursos formais de pós-graduação *stricto e lato sensu*. Entre os primeiros, podem citar-se os encontros, seminários, cursos de extensão, congressos. Sem eles, o profissional estará desatualizado à falta de condições para o exercício responsável da profissão. Por outra parte, a pós-graduação visa à concentração sobre determinada temática [...] nesse sentido, os cursos de pós-graduação *lato sensu* dão início a um processo de pesquisa sistemática e incoativamente especializado. Já os programas de pós-graduação *stricto sensu*, organizados sob a forma de mestrado e doutorado, visam à formação pela pesquisa autônoma. (MELLO, 2002, p.34).

Seguindo essa linha de pensamento, para os alunos dos cursos graduação, em especial aqueles da área da educação, a formação continuada, principalmente a que se realiza na pós-graduação *stricto sensu*, representa uma oportunidade de aprofundar determinadas áreas de estudos de grande interesse, cuja possibilidade, muitas vezes, não é contemplada na graduação.

Em geral, esses estudantes desenvolvem na graduação pesquisas em torno de conceitos gerais ou em áreas de interesse dos professores que atuam em determinadas linhas de pesquisa. No entanto, ao chegarem na pós-graduação *stricto sensu* tal acontecimento pode representar autonomia para esses sujeitos e possibilitar maior capacitação para o exercício do magistério na modalidade de educação superior, já que eles agora são responsáveis por suas próprias pesquisas. Portanto, é com o objetivo de dar continuidade à sua formação e de serem bons profissionais que muitos alunos são “lapidados” no seu processo formativo, tendo no Programa de Educação Tutorial, em tese, os subsídios para a conquista da autonomia

intelectual.

Tal conquista ocorre quando o PET busca estimular o desenvolvimento, no aluno, da habilidade de pesquisar e permitir o acesso a um modelo de ensino que contempla a aprendizagem colaborativa. Assim, podemos afirmar que a autonomia intelectual é uma importante ferramenta que o PET oferece para construir o contexto da mobilização e do sentido que estes alunos construirão acerca da formação continuada em nível de pós-graduação *stricto sensu*, conforme discutiremos mais adiante. Nossa crença é a de que esta autonomia fomentada pelo PET funciona como um importante móbil para eles, tendo em vista estar inserida em uma “esfera situacional”, à qual é acrescida de elementos que convergem para que os sujeitos atinjam uma determinada finalidade em suas vidas acadêmicas.

MOBILIZAÇÃO E SENTIDO

Após entrevistas com alunos egressos do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação da UFC, realizados como forma de facilitar a compreensão e agregar sentido aos estudos teóricos presentes neste artigo, observamos que, o que proporcionou aos ex petianos serem envolvidos por vários elementos de mobilização que os impulsionaram a estudar, com o objetivo de dar continuidade a sua formação, ingressando na pós-graduação, e dar sentido a esse ingresso foi sua relação com o saber. Para melhor entendermos tal afirmação, explicitaremos os conceitos de mobilização e de sentido sob a ótica de Bernard Charlot os quais estão diretamente ligados.

À luz de Charlot (2000), entende-se o que é um móbil e como ele atua. Para esse autor, um móbil;

Não pode ser definido senão por referência a uma atividade: a atividade é um conjunto de ações proporcionadas por um móbil e que visam a uma meta [...]. Ações são operações implementadas durante a atividade. A meta é o resultado que essas ações permitem alcançar. O móbil, que deve ser distinguido da meta, é o desejo que esse resultado permite satisfazer e que desencadeou a atividade (CHARLOT, 2000, p.55)

Logo, para que melhor possamos entender os processos de mobilização e sentido, devemos relacionar o móbil diretamente com o desejo de realizar a ação, ou o desejo de realizar qualquer atividade. Ainda de acordo com a teorização feita por tal teórico sobre a relação com o saber,

O conceito de mobilização implica a ideia de movimento. Mobilizar é pôr em movimento. Mobilizar-se é pôr-se em movimento [...] A mobilização implica mobilizar-se (de dentro), enquanto que a motivação enfatiza o fato de que se é motivado por alguém ou por algo (de fora) [...] Mobilizar-se é reunir suas forças, para fazer uso de si próprio como recurso (CHARLOT, 200, p. 54).

Podemos, com ajuda deste conceito, afirmar que os petianos da Faced, durante seu processo formativo, tiveram vários móbeis no decorrer de suas trajetórias que os ajudaram a reunir forças mobilizadoras a fim de que se engajassem cada vez mais nas atividades de estudo.

Tais móbeis foram sendo construídos e modelados no percurso das realizações das atividades extracurriculares de ensino, de pesquisa e de extensão, assim como nas convivências em grupo e nas relações construídas com o saber adquirido por eles em parceria com os tutores. Afirmamos isso consoante às ideias de Charlot (2000; 2001; 2005), segundo as quais a relação com um determinado saber é sempre motivada a partir das relações que o sujeito constrói com o mundo, consigo mesmo e com os outros presentes em sua convivência no mundo. Portanto, podemos concluir, com base nas leituras do referido autor e nas entrevistas realizadas com os petianos egressos com quem tivemos contato, que as motivações supracitadas foram elementos de grande influência e importância no processo de inserção destes na pós-graduação *stricto sensu* em educação, em outras palavras, no processo de formação continuada que eles empreenderam a partir das influências positivas do PET.

A mobilização, propriamente dita, está relacionada diretamente com um conjunto de ações (atividade) que irão unir-se para atingir uma determinada meta. Em outras palavras: trata-se de algo que está, internalizado, interiorizado, e que tem total importância e responsabilidade no resultado final. No caso do PET Pedagogia da UFC não é diferente. Um conjunto de ações, que é a atividade, é gerado por desejos, os móbeis, os quais foram construídos ao longo da trajetória dos petianos, que se uniram em prol do desejo de chegar ao objetivo final (que é a meta): sua formação continuada, e, em maioria, como observado nas entrevistas, sua inserção na pós graduação *stricto sensu* da Universidade Federal do Ceará.

Para finalizar esta exposição teórica, apresentamos também o conceito de sentido segundo Charlot, que, baseado na teoria da atividade de Leontiev, diz que o sentido é algo que se trata de “um sentido para alguém que é um sujeito. [...] é a relação entre a meta e seu móbil, entre o que incita a agir e o que orienta a ação, como resultado imediatamente buscado” (CHARLOT, 2000, p. 56). Em outros termos, o sentido diz respeito ao valor

atribuído aos nossos desejos e àquilo que funcionará como uma recompensa quando atingimos uma meta. Desse modo, atribuir sentido representa atribuir uma importância, uma relevância toda particular a um objeto de desejo. Essa importância tem a ver com o valor que se aplica às muitas aprendizagens que construímos em situações existenciais concretas e decisivas nas relações que estabelecemos com o mundo, assim como também explica o educador Paulo Freire (2002). Tratam-se, portanto, de trocas que estão diretamente relacionadas com as influências que recebemos no decorrer de nossas vidas e no decorrer de situações vividas, como é, por exemplo, o caso do PET.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir, a partir das leituras para a realização deste artigo, que o Programa de Educação Tutorial, desde sua implantação, contribui de forma positiva na vida de seus egressos à medida que proporciona a estes situações diferenciadas de aprendizagem, acompanhadas por um professor tutor e em conjunto com diferentes personalidades presentes em todo e qualquer grupo. Segundo as pesquisas de Charlot (2000), não existe saber sem a relação com o saber, pois,

O saber é produzido pelo sujeito confrontado a outros sujeitos, é construído em quadros metodológicos [...] não há saber senão para um sujeito, não há saber senão organizado de acordo com as relações internas, não há saber senão produzido em uma “confrontação interpessoal” (CHARLOT, 2000, p. 61).

Assim sendo, estar engajado representa estar envolvido em alguma situação com o saber, onde este saber deve estar organizado de acordo com aquilo que foi interiorizado, internalizado e, desse modo, o processo de aprendizagem se desenvolve. Tal ideia de Charlot verifica-se completamente na proposta do PET, a qual propicia aos alunos participantes de suas atividades vários elementos importantes e constitutivos para sua formação, prepara-os de forma eficaz e principalmente forma-os e fornece a eles subsídios válidos para o ingresso na pós-graduação. É a partir de tais fatores que esses alunos, no momento em que se engajam, relacionam-se com seus saberes, tornam-se mais dinâmicos e conseguem associar suas experiências ali vivenciadas com situações da própria vida, resignificando seus saberes e sentindo-se mais motivados e preparados para o ingresso na pós graduação *stricto sensu* e na consequente construção de uma trajetória acadêmica e de maior autonomia intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Programa de Educação Tutorial-PET**: Manual de orientações básicas Ministério da Educação, 2006.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação de hoje. Porto Alegre, Artmed Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Terra e Paz, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores** / Francisco Imbernón ; trad. Juliana dos Santos Padilha.- Porto Alegre : Artmed, 2010.